

APRESENTAÇÃO: TRABALHO, HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS POVOS DE “NUESTRA AMÉRICA”¹

Ana Elizabeth Santos Alves²
Boris Marañón Pimentel³
Dora Lída Marqués Delgado⁴
Hilda Caballero Aguilar⁵
Jesus Jorge Pérez García⁶
Maria Clara Bueno Fischer⁷

A bela fotografia estampada na capa nos convida a nos aproximar do povo ameríndio. Rosto marcado pela resistência histórica aos genocídios dos processos colonizadores, mas, também, pela reafirmação dos seus modos de vida, em que pese ter sofrido pressões da cultura dominante.

Este número da revista, cujo tema é “**Trabalho, história e memória dos povos de ‘Nuestra América’**” – TN 46 apresenta textos que abordam a ancestralidade dos povos originários, seus modos de vida e lutas, não obstante o avanço do capitalismo, desde o final do século XV, sobre outros modos de produção da existência humana, ter afetado “Nuestra América”

¹ Apresentação recebida em 08/12/2023. Aprovada pelos editores em 10/12/2023. Publicada em 11/12/2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i45.60813>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia - Brasil. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bahia - Brasil.

E-mail: ana_alves183@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6609391193846733>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0603-2113>.

³ Doutor em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) - México. Professor do Instituto de Investigações Econômicas da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM).

E-mail: maranonboris@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6713-7499>.

⁴ Doutora em Ciência Pedagógicas pela Universidade de Pinar del Río - Cuba. Professora da Universidade de Pinar del Río. E-mail: doraly@upr.edu.cu.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0060-0455>.

⁵ Doutora em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) - México. Professora do Instituto de Investigações Econômicas da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM).

E-mail: hildac@unam.mx. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3370-8454>.

⁶ Doutor em Ciências Pedagógicas pelo Instituto Central de Ciências Pedagógicas - Cuba. Educador do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos na Pontifícia Universidade Católica (NEAD/PUC), Rio de Janeiro - Brasil. E-mail: jerjor2014@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4393462117070720>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3691-8262>.

⁷ Doutora em Educação pela Universidade de Nottingham - Inglaterra. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul - Brasil.

E-mail: mariaclara180211@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3835786000876089>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2289-5282>.

Essa condição histórica é agravada, no presente, pela existência de um mundo “unipolar” governado por regras e normas, imposta por meio do colonialismo e que perdurou com a colonialidade, criadas pelo Ocidente e pelos EUA com o objetivo de punir países; a exemplo de países da América Latina. As medidas estabelecidas pela mundialização do capital com a nova ordem neoliberal impõem sanções econômicas, políticas, sociais e culturais, sob o controle do novo colonialismo, como parte de uma economia de guerra que busca aniquilar os países que não seguem a cartilha prescrita pelo bloco econômico (atualmente mais de 30 países no mundo estão sancionados).

São muito variados e genocidas os meios de sanção contra os países do capitalismo dependente, a exemplo da utilização do dólar como moeda desestabilizadora; proibição de compra e venda de mercadorias provenientes dos países sancionados; congelamento do dinheiro, do ouro e de todos os tipos de recursos materiais desses países no Ocidente e de seus parceiros no mundo. Esses impactos são evidenciados, especialmente, em Cuba, por meio do histórico de sanções, e, na Venezuela pelas constantes tensões com os EUA. Tudo isso cria instabilidade econômica, política e social, acentuada por uma propaganda de descrédito intensa em âmbito nacional e internacional, sugerindo haver governos incompetentes e corruptos. Além disso, o poder político e econômico dos EUA e da União Europeia - UE estimula revoltas no exterior, com o objetivo de mudar os governantes ou ganhar novas eleições com candidatos de extrema-direita, cujo exemplo mais recente é a Argentina e, seis anos atrás, o Brasil.

Como podemos observar na TN 46, os países da *Nuestra América* viveram historicamente processos de lutas por independência, pelo socialismo, pela constituição de Estados plurinacionais, pelo direito à educação, saúde, moradia, de lutas pela terra, território, defesa dos modos de vida, acesso à água e a tudo o que é ou deveria ser “comum”. Assim, é fundamental reconhecer os governos progressistas da região e a luta dos nossos povos. A América Latina tem uma posição comum diante dos principais problemas do mundo, a exemplo do bloqueio imposto a Cuba unilateralmente pelos Estados Unidos há mais de sessenta anos por violar “normas e regras”; o mesmo acontece com a nossa irmã Venezuela e a Nicarágua.

Em *Nuestra América*, existem opiniões generalizadas sobre a importância de se criar um mundo “multipolar”, baseado na igualdade de direitos e oportunidades iguais para todos os povos, atendimento das necessidades básicas de

desenvolvimento de áreas-chave e estruturais dos países, respeito ao sistema político de cada nação e uso de moedas nacionais para trocas comerciais. Existe um apoio significativo ao grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS), que se baseia nos princípios mencionados como uma alternativa econômica, política e social. O Brasil é o fundador, a Argentina foi aprovada para integrar o grupo em janeiro de 2023 e há muitos pedidos de outros países para 2024.

O bloco geral dos países latino-americanos tem opiniões comuns sobre a necessidade de democratizar a ONU e o Conselho de Segurança. A prioridade dessas instituições deveria ser o estabelecimento de compromissos pela paz e pelo respeito a todos os países; no entanto, as suas ações têm sido ultrapassadas e incompetentes na resolução dos problemas prementes do mundo atual, demonstrado no conflito entre Israel e Palestina. Os nossos países rejeitaram o ataque genocida do Hamas a Israel. Mais ainda, condenam o contínuo genocídio de Israel contra os palestinos, onde já morreram mais de 12.000 pessoas inocentes, basicamente crianças e mulheres, e a destruição de quase toda a estrutura civil do país, uma terra arrasada. Isto reafirma a economia de guerra à custa da poluição e destruição da nossa casa comum: a Mãe Terra, ou seja, a Pachamama.

Conforme assegura a ementa do número 46 da Revista Trabalho Necessário, em diversos espaços de *Nuestra América*, saberes e práticas ancestrais persistem e são recriadas no campo e na cidade, marcados pela lógica da reprodução ampliada da vida (humana, não humana e espiritual), do valor-comunidade, do trabalho coletivo, autogoverno, igualdade social e respeito a mãe terra; ainda que pressionadas por bloqueios econômicos de cunho imperialista. Em uma intensa luta por alternativas de trabalho e sobrevivência, os povos vivem em constante defesa dos seus territórios na busca de um novo horizonte histórico do Bem Viver. Nesse sentido, o conjunto de textos que compõem este número recupera o pensamento crítico latino-americano clássico, desde Martí e Mariátegui, contribuindo com a visibilidade e reflexão acerca de práticas sociais que se contrapõem ao neocolonialismo e ao fascismo, apreendidas nas contradições históricas da realidade Latino Americana.

Neste número, na seção “Homenagem”, elegemos o educador **Carlos Rodrigues Brandão** como o homenageado, cuja trajetória acadêmica como professor-pesquisador inspirou uma geração de professores (as), alunos (as),

interessados (as) em estudos sobre cultura e educação popular. Um educador que primou pelo diálogo entre as culturas populares, o trabalho e a educação como elementos fundamentais para a promoção e a emancipação humana. A consagrada trajetória e produção acadêmica desse educador é destacada em quatro textos, a saber: **O nosso mundo pode ser diferente: lembrando Carlos Brandão**, escrito por Danilo R. Streck; **Um educador e pesquisador imortal**, escrito por Telmo Adams; **Carlos Rodrigues Brandão: a chama inapagável da educação popular brasileira e latinoamericana**, escrito por Maria Teresa Esteban e Maria Tereza Goudard Tavares; e **Carlos Rodrigues Brandão e a “Rosa dos ventos” da economia popular solidária**, escrito por **Roseny de Almeida**.

Na seção “Textos Clássicos”, apresentamos o artigo **“Nuestra América”: o legado precioso de José Martí**, escrito por Luiz Ricardo Leitão. O autor ressalta a inestimável contribuição do pensador e poeta cubano com ensinamentos “de um arraigado sentimento anti-imperialista e de uma profunda consciência nacional” e regional pela libertação dos povos da “Nossa América”, considerado pela sua própria história “(...) uma súplica viva do preceito de que *‘viver é combater’*” durante séculos de luta contra o colonialismo europeu e o imperialismo americano”.

A seção “Artigos do número temáticos”, que abre este número, vem com onze textos. Para começar, o texto **Redes Agroalimentarias Alternativas: Entramados De Interdependencia Y Luchas Por Lo Comum Frente Al Agroextractivismo**, assinado por Silvia L. Colmenero Morales. A autora examina a emergência de redes agroalimentares no México, que “se constituem como lutas pelo comum frente ao agroextrativismo ecodestrutivo capitalista e patriarcal”. Descreve redes de economia solidária alternativa entre os povos contra a desapropriação e a exploração dos bens comuns. Relata “os trabalhos de cuidado e de reprodução da vida que sustentam as redes agroalimentares alternativas” como propostas eco-políticas de interdependência e de produção do comum. No artigo seguinte, Edson Caetano, Karla Rodrigues Mota e Haya Del Bel, com o texto **Por terra, trabalho e educação: sobre a existência e resistência na comunidade quilombola do Chumbo, Poconé-MT**, analisam algumas dimensões da produção da existência humana a partir de rodas de conversa realizadas na comunidade, à luz do materialismo-histórico. Os autores concluem “(...) que as e os quilombolas por experienciarem, tanto as formas alienadas, quanto as formas livres de trabalho, buscam se opor ao avanço do agronegócio por

meio do resgate dos trabalhos de viver, costumes e tradições”. Ressaltam as contradições em disputa no estabelecimento de formas alternativas de reprodução da vida, em detrimento de relações de dominação e exploração.

Raça e classe em José Carlos Mariátegui e Florestan Fernandes, de Matheus de Carvalho Barros, foca obras do jornalista peruano José Carlos Mariátegui e do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes; autores que contribuem para a construção do pensamento crítico decolonial. Analisa questões similares entre Mariátegui e Fernandes acerca do colonialismo enraizado na América Latina, a configuração da dependência e o caráter complementar das modalidades de dominação étnico-racial e de classes, tendo em vista “perseguir a forma como esses autores articularam raça e classe, identificando os sujeitos racializados como protagonistas das transformações radicais”.

Sandra Luciana Dalmagro e Poliana Garcia Temístocles Ferreira, autoras do texto **A atualidade do movimento dos trabalhadores sem terra: 40 anos de história, luta e formação**, discutem a produção, a educação e a vida nos acampamentos e assentamentos dos(as) trabalhadores(as) rurais do MST, demarcando a emergência da agroecologia, da formação política e da educação. A análise, de natureza bibliográfica e documental, fundamenta-se em referenciais sobre a questão agrária e a constituição do capitalismo no campo brasileiro.

Em **A reemergência do Sumak Kawsay/Buen Vivir e os processos de luta e resistência dos povos indígenas do Equador**, Janete Schubert realiza pesquisa de campo com povos indígenas do Equador acerca dos processos de luta e resistência dessa gente contra a colonialidade do ser, do saber e do poder. Ressalta, nas conclusões, a emergência de “novas e importantes formas de resistência às racionalidades moderno/coloniais/eurocêntricas”. O artigo **Cooperativas Agropecuarias Y Territorio En Cuba**, escrito por Norisbel Arronte Leyva, caracteriza os vínculos entre os processos cooperativos agrícolas e o território. O autor demonstra os antecedentes e a evolução desses processos, levando em consideração as inter-relações econômicas, sociais e de poder ocorridas nesse contexto. Os resultados desse estudo contribuem para melhor valorização e análise dos vínculos entre territórios e cooperativas, considerando as ações do Estado e a autonomia dos povos.

O trabalho assinado por Andrés Ruggeri, intitulado **A autogestão operária na América Latina: das primeiras cooperativas às empresas recuperadas**, destaca

os “processos de autogestão e controle operário na América Latina hispano falante desde a formação das primeiras cooperativas até aquelas desenvolvidas em contextos revolucionários, vistos a partir da perspectiva dos processos autogestionários contemporâneos”. O autor revigora o debate sobre movimentos de experiências autogestionária e controle do trabalho operário na América Latina, como movimentos representativos de resistência e criatividade dos(as) trabalhadores(as).

A relação entre democracia, território e economia: reflexões a partir da experiência democrática venezuelana, texto de autoria dos(as) pesquisadores(as) Felipe Addor, Layssa Ramos Maia de Almeida e Bianca de Carvalho Pereira Campos, analisa a experiência venezuelana de democracia participativa com vista a descrever os limites e as potencialidades na história do país e a servir de inspiração para outras experiências de aprofundamento da democracia na região. O estudo analisa criticamente o modelo democrático hegemônico na América Latina, dando destaque “à necessidade de se experimentar novas práticas democráticas que estejam vinculadas com a dinâmica territorial do cotidiano e que busquem contribuir para sistemas econômicos menos desiguais”, considerando os vínculos organizacionais dos conselhos comunitários como espaços de participação cidadã.

Lucia Linsalata e Huáscar Salazar Lohman assinam o texto **Despliegue y repliegue del ethos comunitario en Bolivia**. Os autores discutem a noção de *ethos* histórico comunitário, fundamentado na proposta de “*ethos* histórico da modernidade”, cunhada pelo filósofo equatoriano Bolívar Echeverría. O objetivo é compreender alguns comportamentos sociais dos setores indígenas e populares da Bolívia. Para tanto, analisam a funcionalidade desse “*ethos* comunitário durante o ciclo de rebeliões que abalou o país entre 2000 e 2005, e de que forma a consolidação do governo do MAS no comando do Estado boliviano deu lugar a uma espécie de desarticulação e consequente recuo desse *ethos* na sociedade”, consolidando uma economia profundamente dependente, extrativista e capitalista.

O artigo de Patrícia Figueira, **Reflexiones Acerca De La Práctica Docente En Marcos De Vulnerabilización Educativa: “Re-Elaborando La Interculturalidad En Las Escuelas”**, analisa o campo de disputa entre modelos e estratégias educacionais do sistema escolar e a pluralidade de produções de saberes, práticas e sentimentos que constituem a “interculturalidade” na Argentina, por meio de experiências de professores da província de Chaco, tendo em vista identificar os processos que

dificultam a concepção e implementação de modelos pedagógicos conforme os interesses de uma Educação Intercultural Bilíngue descolonizadora.

Com o artigo **Economía Wampís Del Don Versus Economía De Mercado En La Amazonía Peruana** escrito por Shapion Noningo, fechamos a seção “Artigos do Número Temático”. O autor é dirigente do governo territorial autônomo da nação Wampis, da Amazônia peruana. O texto narra o reconhecimento da nação indígena como povo autônomo, sem deixar de ser peruano, e o processo de construção de um sistema econômico baseado na reciprocidade, solidariedade e respeito à natureza.

Na seção “Outras Temáticas”, Luísa Gonçalo Dai Prá e Adriana D’Agostini apresentam o texto **Considerações acerca da pesca artesanal realizada no Brasil à luz do materialismo histórico-dialético**, com o objetivo de “discutir os impactos que as expropriações possuem sobre os trabalhadores envolvidos com a pesca artesanal e a relevância e os desafios contemporâneos da formação de consciência de classe entre os pescadores artesanais”. Para as autoras, o sistema do capital desqualifica os conhecimentos tradicionais dos trabalhadores, notadamente nas comunidades de pescadores artesanais impactados por conflitos socioambientais, que alteram seus modos de vida e dificultam suas atividades e reprodução social.

Trabalho, educação e juventude: contexto dos jovens do conjunto habitacional Terra Nossa em Francisco Beltrão – PR, escrito por Darciel Sinhori da Costa e Suely Aparecida Martins, analisa as experiências de jovens egressos do Ensino Médio e residentes do conjunto habitacional, acerca da escola e do emprego. Imbuídos da concepção materialista da história, os autores rastrearam documentos e realizaram entrevistas em duas redes de ensino na mesma localidade, concluindo que há, nas duas redes, coexistências voltadas ao enquadramento dos jovens aos postos de trabalho.

Por último, o artigo **“Quiet Quitting” e a práxis silenciada das novas gerações**, de João Marcos Roldão, tece considerações sobre o “novo fenômeno: o *Quiet Quitting*”, que despontou no mundo do trabalho pós-pandemia Covid 19. Movimento de “insubordinação dos(as) jovens assalariados(as) ante às ininterruptas exigências por rendimento nas organizações e que se associa à progressiva afinidade das novas gerações ao anticapitalismo”. No artigo, o autor propõe analisar os “efeitos concretos que as negativas ao estranhamento, aos paradigmas de liberdade negativa e do empreendedor de si, bem como às iniquidades na distribuição de riquezas,

reverberavam na realidade”. Busca demonstrar que a “saída silenciosa” individual dos(das) jovens do trabalho “tem seu potencial transformador neutralizado”, entretanto, a mobilidade social efetiva é limitada pela condição de classe.

Na seção “Entrevista”, Adriana D’Agostini, Célia Regina Vendramini e Mauro Tilton realizam entrevista com o sociólogo italiano Pietro Basso, sobre a temática **A reprodução social do proletariado e a organização da Classe**. O entrevistado é autor de uma vasta produção acadêmica na crítica marxista do capitalismo global e ativista político. Entre as temáticas abordadas na conversa, Pietro analisa as “dificuldades e organização dos trabalhadores italianos, recorrendo a elementos históricos, ao contexto social e político atual e indicando os setores e organizações que, de forma limitada, vêm se constituindo como vanguarda das lutas”.

Na seção “Resenha”, encontra-se uma referência bibliográfica importante acerca do mundo do trabalho para aqueles(as) “que investigam os(as) trabalhadores(as) e os modelos associativos que não estiveram classificados nos cânones da historiografia tradicional do trabalho.” Humberto Santos de Andrade e Ana Elizabeth Santos Alves apresentam a resenha do livro **Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho**, escrito pelo historiador Marcel van der Linden. Os temas discutidos no livro abrem caminhos para estudos sobre a categoria trabalho no Sul Global, na América Latina, na África e na Ásia.

Na seção “Ensaios”, Arquimedes Martins Celestino apresenta o texto **Correspondência internacional e solidariedade entre os povos: um registro bibliográfico**. O autor ressalta a “efetividade e atualidade do conceito de Correspondência Internacional em sua inter-relação com a Solidariedade entre os Povos”. Descreve a criação, entre os anos 1960 e 1980, do registro bibliográfico de uma rede de ação política e informação formada por movimentos populares da América Latina como instrumento mobilizador de ações solidárias, nos convidando a abrir uma linha de estudos e análises que considere a correspondência internacional como produção de fatos históricos.

Na seção “Teses e Dissertações”, são apresentados dois trabalhos. **Trabalho e Educação**: interfaces entre processos educativos, saberes socioambientais e experiências de trabalho da Coleta do Açaí no município de Igarapé-Miri/PA é o título da dissertação de mestrado de Rodrigo Cardoso da Silva, cujo resumo é apresentado neste número da revista. O objetivo é mapear os processos educativos e os saberes

socioambientais que são construídos, vivenciados e que norteiam as experiências de trabalho. Por sua vez, Luiz Augusto de Oliveira Gomes, no resumo da sua tese **Trabalho-educação, experiência de classe e relações pedagógicas tecidas nos espaços de ocupação do movimento dos trabalhadores sem-teto (MTST)**, ocupa-se em analisar os processos de “ocupação” do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no Brasil e o seu enraizamento no Rio de Janeiro.

Fechamos este número com a seção “Memória e Documentos”: **I Escola Internacional de Autogestão: conquistas, balanço e perspectivas**, organizada por Bruna Oliveira Martins, Henrique Tahan Novaes e Flávio Chedid Henriques. Trata-se do registro da organização e dos principais debates sobre os problemas vivenciados no cotidiano da autogestão e perspectivas teórico-metodológicas discutidas na 1ª Escola Internacional de Autogestão, incluindo registros fotográficos, realizada na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) do MST, entre os dias 19 e 23 de abril de 2023.

Ainda nessa seção, no texto **A economia dos trabalhadores e o poder popular para a superação do sistema do capital**, Rafael Enciso analisa o significado histórico das lutas das trabalhadoras e dos trabalhadores na América Latina, particularmente em torno do movimento “A economia das trabalhadoras e trabalhadores”. Analisa as atuais contradições capital *versus* trabalho e as lutas sociais e de classe para construção de um sistema capaz de superar o sistema socioeconômico capitalista. O texto descreve o desenvolvimento humano desde os primórdios com a descoberta da agricultura, a invenção do Estado e os sucessivos modos de produção, em especial o modo de produção capitalista e as formas de superação desse modelo.

Este número da revista, portanto, apresenta textos cujo autores (as) evidenciam as lutas de povos tradicionais, trabalhadores(as) do campo e da cidade, em busca de trabalho e formas de sobrevivência, destacando, ao mesmo tempo, os caminhos que conectam essas lutas a um projeto de sociedade alternativo ao capital para a América Latina. Neste sentido, em tempos de ascensão da direita em nível internacional e, em particular, em Nuestra America, as reflexões trazidas nos artigos são de extrema importância.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!